

XI COMPÓS, 2002, Rio de Janeiro.

XI Encontro nacional do programas de pós - graduação em comunicação social.

Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

A idéia da essência feminina na busca, descoberta, construção e resgate da identidade.

*Betania Maciel*

Com a solidariedade de alguns raros poetas e profetas, enfrentando a incompreensão e a hostilidade dos homens e a resistência de algumas mulheres, as feministas lutam fatigadamente pela transformação radical das relações entre os sexos até agora desvirtuadas e desfiguradas pela ideologia misógina.

Na terminologia existencialista, largamente empregada em “O Segundo Sexo”, a “imanência” é o que caracteriza o ser que permanece em si mesmo fechado, sem expressão, sem projetar-se no mundo. Ora, projetar-se é próprio do ser humano. O animal é natureza, em si, o homem é história, afirmação de si mesmo no tempo, para si, transcendência. Mas, diz o poeta, Vinícius de Moraes, “é preciso que a mulher seja sem ser, e se reflita no olhar dos homens”. É preciso, portanto, que o que não é, seja através do que é.

Em outras palavras, diante dessa teoria “o em si da mulher passa a ser, isto é, passa a transcender-se não como para si, mas como um ser para o outro”. À imanência acrescenta-se a alteridade. Esse ser imanente, que só se afirma pelo outro e para o outro, constitui a si mesmo como Outro, um ser secundário, inferior, inessencial. Sua essência consiste em não ser essencial.

A teoria feminista expõe de forma radical o pensamento e a prática da divisão dos sexos, impondo generalizações na forma de educar as crianças e criando estereótipos. Ele salienta que nas sociedades divididas preferencialmente pelos sexos e não pelas classes, a menina não recebe a mesma educação do menino. Enquanto a ação e mesmo a agressividade são incentivadas nas brincadeiras do menino, a menina aprende a repetir os gestos da domesticidade. Enquanto o menino é estimulado a projetar seu ser no mundo, a menina desde cedo, aprende a agradar, a ser bonita e meiga, a andar e a sorrir como menina.

A casa é o universo da repetição. Limpar, arrumar, cozinhar, coser, bordar são tarefas de Penélope, tarefas ingratas, sempre as mesmas, sempre recomeçadas, enquanto Ulisses viaja pelo mundo. E há uma imensa distância entre o mundo exterior, onde o pai trabalha, e o pequeno mundo doméstico, o “gineceu”.

Meninos e meninas crescem num mundo dividido: de um lado os homens, livres, independentes, ativos, fortes, agressivos; do outro, as mulheres, servis, dependentes, passivas, frágeis, impotentes e dóceis. Desde os primeiros anos de sua infância, a menina aprende a conter-se e a ênfase posta em sua aparência física a leva não só a aceitar-se, mas a cultivar-se como objeto. Ao passo que a imensa sorte do menino é que sua maneira de existir para os outros o encoraja a se colocar para si.

“Colocar-se para si é afirmar-se, adquirir autonomia, sentir-se livre projetar-se e num mundo em que o poder, a força, a eficiência, a coragem e a independência são tidos como características masculinas. Ora, colocar-se para o outro e assumir-se como Outro é, como diz Simone de Beauvoir, renunciar à própria soberania. Enquanto o menino se reconhece em sua própria exuberância, na espontaneidade de seus gestos e impulsos, a menina, para ser feminina, precisa reconhecer-se nos limites que lhe são impostos. A rigor, o menino não precisa reconhecer-se, pois coincide consigo mesmo, ao passo que a menina vive como conflito a autonomia e a alteridade (BEAUVOIR, 1949).

É uma estranha experiência para um indivíduo que se experimenta como sujeito, autonomia, transcendência, como um absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade.

Para a menina, em seu processo de tornar-se mulher, a essência feminina ainda aparece com as qualidades da imanência e da alteridade, isto é, com a passividade e a docilidade, com a inferioridade e a submissão.

Mais do que nunca deve assumir-se como objeto e não como sujeito. E eis o conflito: educada para agradar e seduzir, deve esconder seus desejos. Seu comportamento sexual é determinado por sua própria condição. Se a passividade não é real, torna-se necessário representá-la, pois, toda afirmação de si mesma diminui sua feminilidade e suas chances de sedução (SIGNORET,1978).

A idéia de uma essência feminina eterna, igual a si mesma, imutável através dos séculos, interessa à sociedade patriarcal, cujo discurso dominante é o discurso do sexo dominante. É, portanto, do ponto de vista masculino, que tal essência é definida e estabelecida como modelo, ou estereótipo, ao qual as mulheres, mais ou menos conscientemente, procuram adaptar-se.

Entendemos por sociedade patriarcal a que mantém como unidade básica a estrutura familiar dominada pelo pai. Não há dúvida de que a família, enquanto forma de organização social, sofreu numerosas transformações. Mas, como observa JULIET MITCHELL (1986): “(...) embora a família tenha mudado desde que apareceu em cena, também permaneceu como unidade ideológica e econômica determinante, com certa rigidez e autonomia apesar de todas as adaptações.”

É no contexto da família patriarcal que se cria, ou se forma, a mulher. Se na unidade básica o pai é o chefe, na sociedade, como um todo, o dominador é o homem. Assim, o patriarcado é o sistema cuja principal instituição, a família, se encarrega de perpetuar os valores da dominação e da opressão da mulher. E são as diferentes maneiras de educar o menino e a menina que determinam suas características.

Baseando-se nas mais recentes pesquisas biológicas e psicanalíticas sobre a sexualidade, Kate Millett afirma, em *Sexual Politics*, que o feto humano é fisicamente fêmea no primeiro estágio de seu desenvolvimento. A ação do andrógono, que imprime características masculinas nos indivíduos com cromossomos y não é imediata. E mesmo após o nascimento, não existe diferença psicosssexual (MITCHELL, 1986).

Como diz KATE MILLET (1997): “O desenvolvimento da identidade genérica, que se efetua durante a infância, contém implicitamente a soma total de tudo que os pais,

os semelhantes, a cultura consideram como conveniente a cada gênero no domínio do temperamento, do caráter, dos interesses, do estatuto, do valor, do gesto e da expressão.”

E as qualidades ou características que a ideologia impõe são, necessariamente, positivas quando masculinas, e negativas, quando femininas.

Em busca da identidade examinaremos, a seguir, a noção de identidade, tal como se apresenta no pensamento feminista contemporâneo de acordo com os citados autores.

Nas livrarias, as revistas, os panfletos, os ensaios, toda uma literatura feminista está criando e ocupando um novo espaço. Surgem novas estantes para conter um assunto específico: mulher. Nessa nova literatura, uma expressão vem sendo utilizada com muita frequência. Trata-se da identidade da mulher. Fala-se ora em busca, ora em descoberta, em construção ou em resgate da identidade.

Que vem a ser, para as mulheres, o resgate da identidade? Que é que se resgata? Resgatam-se um naufrago, destroços de um navio, valores, penhores. Há uma identidade feminina perdida, que é preciso resgatar? Ou será possível reconstruir uma identidade deformada, falseada? Precisamos compreender, desde logo, que enquanto o conceito de “essência” se refere a algo estático, perene, a noção de identidade é dinâmica, pois trata de algo que se quer encontrar, descobrir, resgatar.

A identidade, como a entendemos, não se dá de uma vez por todas, em algum topo ideal, seu resgate ou sua construção é um acontecimento no tempo, está ocorrendo na História. Após seis mil anos de patriarcado e de opressão, a rebelião feminina, que teve muitas pioneiras sacrificadas (como Olympe de Gouges, que morreu na guilhotina), tornou-se mundial.

O movimento feminista, tão combatido e criticado, é, hoje, internacional. E é, em sua própria identidade, na construção de si mesmas que falam as mulheres, em várias línguas, em todas as línguas, ao invés de adaptar-se ao modelo, ao estereótipo. Ao invés de reconhecer-se no “eterno feminino” da imanência da alteridade, da inferioridade e da domesticidade, a mulher pergunta, em primeiro lugar, “quem sou eu? Quem tenho sido ao longo de séculos, em que não tive direito à palavra, às decisões, ao trabalho criador e ao governo dos Estados”? Em primeiro lugar, a mulher toma consciência de sua situação de oprimida (ENGELS,1987).

Essa opressão é, portanto, específica. Por isso a rebelião das mulheres, embora vinculada a outros movimentos libertários, precisa de ser compreendida em sua grande unidade e em sua especificidade, pois diz respeito a todas as mulheres, enquanto mulheres, quer pertençam à burguesia, à classe média ou à classe operária, quer façam parte de minoria racial, ou sexual.

Em busca da própria identidade, as mulheres pretendem rescrever a História, no duplo sentido de rescrever o vivido, revelando o que permaneceu oculto e ignorado, e começando uma nova História. Recusar a reconhecer-se no estereótipo é dizer não à ideologia. É deixar de ser em si para assumir-se também como projeto, como sujeito e transcendência, e tornar-se ser para si. O patriarcado, cuja ideologia ensina a mulher a agradar e tornar-se desejável e, ao mesmo tempo, a obriga sob pena de condená-la como imoral - a recalcar e ocultar seus próprios desejos, também incentiva e promove a pornografia, que a degrada e humilha. E essa é uma das grandes contradições do sistema.

Como diz HELONEIDA STUDART (1979), a livre projeção de filmes pornô, mesmo durante os longos anos de censura, no Brasil, só serviram para desmoralizar a mulher, para reduzi-la a uma coisa desejável mas risível, para humilhá-la e incentivar a violência sexual contra ela. Um erotismo saudável, ao contrário, estaria ligado ao amor e aos valores do corpo, tanto do homem quanto da mulher, para promover um encontro de personalidades, de seres humanos completos.

E é, em última análise, uma abstração, pois reduzir a mulher ao corpo, equívale a julgar o negro apenas pela cor de sua pele. Expressão máxima do sexismo, a pornografia, ao contrário do que afirmam seus defensores, não rompe convenções ou tabus, mas é uma forma de racismo.

A publicidade, por sua vez, reifica a mulher de várias maneiras, projetando-a hora como a mãe dedicada, boa lavadeira e cozinheira, graças a tal fogão ou a tal sabão em pó, hora como acessório do homem, ou ainda (como as folhinhas preferidas pelos mecânicos de automóvel) inteiramente confundida com determinadas mercadorias, embotando a imaginação dos publicitários, que já não conseguem pensar em pneu, sem mulher nua.

E gostaríamos de saber o que simboliza, nesse caso, a mulher, se os quilômetros que serão esmagados pelos pneus, ou a própria velocidade, é conquista do motorista.

Quando dirigida aos consumidores homens, a publicidade explora a mulher como apenas mais um objeto de consumo.

Assim, por exemplo, ao lado de determinada garrafa de uísque, do homem vestido com roupas de confecção X, que fuma cigarros Y e usa a água de colônia Z, aparece uma bela mulher.

Canal ideológico transmissor de “machismo”, a publicidade mostra sistematicamente o homem forte, dominador, poderoso, enfrentando feras, vencendo perigosas corridas; e mostra a mulher lavando a louça, sorridente e feliz, à espera do herói na reta de chegada. A mulher – objeto - sexual é a representação mais freqüente da mulher, para não dizer a única que pode ser percebida publicamente (BARANSKAIA,1999).

Não apenas nas revistas eróticas, mas em qualquer tipo de anúncio, vemos mulheres que se oferecem, olhares sedutores, poses sugestivas, decotes provocantes, lábios entreabertos e úmidos, etc. Mas quando o anúncio é de fraldas, aparece uma simpática avozinha ou uma jovem assexuada e angelical, a mãe. Nas imagens publicitárias se alternam as duas figuras dos mitos femininos: Eva, a sedutora encarnação do mal, e a mãe virginal. A mulher não pode encontrar sua identidade nas fantasias publicitárias ou pornográficas do sistema patriarcal e capitalista. A verdadeira identidade feminina, que veio se delineando e tentando explicitar-se ao longo de séculos, tomou conta da consciência feminista ocidental, como diz ANDRÉE MICHEL (1982).

A extraordinária afinidade dos grupos feministas decorre da generalizada discriminação que a mulher sofre em todos os países do Ocidente. A tomada de consciência da opressão fez desses grupos os porta-vozes de todas as mulheres que, reivindicando a emancipação econômica e social, desejam resgatar e reconstruir sua identidade ignorada e deturpada pelo patriarcado.

Em seu excelente trabalho “O Feminismo”, que aborda a história da opressão da mulher, Andrée Michel resumiu as principais idéias, que, desde a Idade Média,contribuíram para formar a consciência feminista. São as seguintes: as diferenças entre homens e mulheres provêm, não da natureza, mas da educação desigual concedida aos dois sexos; é preciso protestar contra a “morte civil” da mulher, contra sua exclusão das funções econômicas e políticas; é preciso recusar a dupla moral sexual e reivindicar,

para as mulheres, o direito ao prazer fora do casamento; vincular a libertação das mulheres à luta pela libertação de todos os trabalhadores e à luta pela paz (MICHEL,1992).

A todas essas, acrescentamos a idéia de que a libertação da mulher acarretará, necessariamente, a transformação qualitativa da vida dos homens, propiciando-lhes, finalmente, o pleno desenvolvimento de suas virtualidades.

À idéia da “morte civil” da mulher, de seu confinamento na família, de sua condenação aos afazeres domésticos, pode-se acrescentar o que afirmou Claude Alzon, após ter lido boa parte da literatura consagrada aos problemas da mulher: um fato me espantou: é raro que se denuncie a ausência ou insuficiência da ajuda concedida à mulher, pelo marido, nas tarefas domésticas: se os comunistas se eximem, os esquerdistas também, e até mesmo os representantes mais qualificados do neofeminismo (ALZON,1977).

E diz ainda que a melhor maneira de combater o orgulho masculino, sua mentalidade de pequeno patrão explorador, é exigindo que ele, por sua vez, ponha a mão no lixo. Sim, porque as mulheres, com suas mãos de fada, frágeis e delicadas como cantam os poetas, não só fazem a comida e lavam a roupa, mas limpam restos, mexem no lixo, lavam privadas.

Foi para discutir problemas como esses, miúdos em aparência, mas que refletem a ideologia vigente, que começaram a surgir, em vários países ao mesmo tempo, desde a década de sessenta, os “grupos de reflexão feminista”. Reuniões que se iniciam como sessões de desabafo, semelhantes à terapia de grupo, adquirem caráter político, na medida em que o problema pessoal encontra eco nos outros problemas pessoais, criando não só uma consciência coletiva, mas a necessidade de uma militância conjunta. É um novo estilo de política, que não deixa de evocar, em seu movimento subterrâneo, as catacumbas dos primeiros cristãos.

Quando BEAUVOIR afirmou, em 1949, que as mulheres, confinadas na generalidade de seu destino de mulheres, estão unidas por uma espécie de cumplicidade imanente, não podia prever que a cumplicidade imanente iria tornar-se, após os anos sessenta, cumplicidade na ação, cada vez mais revolucionária, inclusive em seus métodos.

A busca da identidade não é a meta, mas um processo, processo de conscientização, de autodefinição. A meta é a participação na vida social, em todos os níveis, o que já contribuiria para modificar o sistema.

À primeira vista, a expressão “revolução sexual” parece designar a simples transformação dos costumes no que diz respeito ao comportamento sexual, isto é, a maior liberdade, facilidade, no relacionamento entre os sexos. Ora, como observa KATE MILLET (1998), essa é uma forma ingênua de interpretar a questão.

Tentemos imaginar o que seria a verdadeira revolução sexual, do ponto de vista feminista, uma vez que a simples evolução dos costumes não nos parece preencher o significado da expressão.

As idéias falsas e as superstições a respeito da sexualidade feminina tendem, já em nossos dias, a desaparecer. Os estudos de *Shere Hite e de Masters e Johnson*, entre outros, demonstram que, ao contrário do que sempre se acreditou, a mulher é melhor dotada para a atividade sexual do que o homem, ao menos no que diz respeito à frequência do ato sexual e à potencialidade orgástica. No entanto, os mitos e as crenças do patriarcado atribuíram sempre aos homens maior capacidade sexual, necessidades mais urgentes, que justificavam o sistema de “dois pesos e duas medidas”, e até mesmo a poligamia (REICH, 1980).

Segundo KATE MILLET (1977), Freud partiu de uma premissa senão falsa, ao menos incompleta, ao analisar a psicologia da mulher. Além disso, não tendo vencido os preconceitos de sua época, considerou inerentes à personalidade feminina as características impostas pelo sistema, isto é, a passividade, o masoquismo e o narcisismo. E o que é ainda mais grave, estabeleceu um critério para avaliar a maturidade das mulheres, segundo o qual só as que experimentam o orgasmo vaginal e desejam ter filhos são bem desenvolvidas e sadias. Portanto, para serem felizes, as mulheres, de acordo com a doutrina freudiana, precisariam apenas adaptar-se às necessidades dos homens.

Não é difícil imaginar porque o feminismo, em geral, toma posição contra Freud. Aliás, a psicanálise, tal como foi aplicada nas primeiras décadas de nosso século, contribuiu para retardar a revolução sexual. Nem por isso deixa de ter defensoras entre as próprias feministas, como é o caso da inglesa JULIET MICHEL (1976), que, situando os

preconceitos de Freud em relação à mulher em seus limites históricos, empreende o grande esforço de resgatar a psicanálise como doutrina geral libertadora .

Para MITCHEL (1976) Freud foi mal interpretado porque atribuiu-se a ele uma descrição do que a mulher é, e não de como a mulher chega a ser, o que seria mais correto. Está criada a polêmica.

Mas o que não se pode negar, concordando com Millett, e não com Mitchell, é que as teorias sobre o inconsciente e sobre a sexualidade infantil foram postas - culpe-se a Freud, ou não - a serviço de uma visão conservadora da condição feminina. Não importa. As questões teóricas, depois de Marx, encontram solução na prática, não no plano teórico.

Tornar-se mulher não é mais assumir um papel predeterminado, mas, ao contrário, inventar e escolher-se a si mesma, num novo papel que conserve do antigo apenas o que não a diminui nem a mutila, o que não a inferioriza nem a alija do processo histórico. Se as mulheres estão agindo de forma diferente, tanto em suas vidas particulares quanto no mundo, no trabalho fora de casa, é porque começaram a despertar. A luta é árdua e difícil porque se faz principalmente no interior das consciências.

A verdadeira revolução sexual só ocorrerá quando a mulher, emancipada economicamente, senhora de seu corpo e de seu destino, tornar-se, também, sujeito da História. Como já disse (BEAUVOIR,1949).

“No dia em que a mulher puder amar com sua força, não com sua fraqueza, não para fugir de si mesma, mas para encontrar-se, para afirmar-se, então o amor tornar-se-á, para ela, como para o homem, ao invés de perigo mortal, fonte de vida”.

A indagação sobre o “ser feminino”, ou sobre o conjunto de qualidades que caracterizam a “feminilidade”, conduz à verificação de que tais características não decorrem de uma “essência” metafísica, nem correspondem a tendências determinadas pela “natureza”.

Na cultura de dominação masculina, as “qualidades” femininas são adquiridas ao longo de um processo de aprendizado, que a ideologia do sistema patriarcal impõe ao estabelecer padrões rígidos de “masculinidade” e “feminilidade”, de acordo com os quais cabem ao “segundo sexo” a alteridade, a inferioridade, a passividade e a submissão.

A nova identidade feminina nasce para a História no momento em que as organizações feministas empreendem uma luta de âmbito internacional pela emancipação

e participação cada vez mais efetiva das mulheres na vida social, e pela transformação qualitativa do relacionamento entre os sexos.

Essa luta, abrangente e totalizadora, posto que atinge a todas as camadas sociais, pode ser compreendida como uma autêntica Revolução Sexual, que não se confunde com a simples evolução dos costumes sexuais de nossa juventude. Tal revolução precisaria derrotar, em última análise, o próprio sistema patriarcal.

Separar a esfera da produção da esfera da reprodução, isto é, precisa manter separados o mercado e as finanças da casa, da família. A função social da mulher reduz-se à maternidade e, para isso, tornam-se indispensáveis sua reclusão e sua especialização nos trabalhos domésticos.

E por que a inocência, a imagem da mulher-menina convém à nova mulher? Porque as crianças são, por definição, frágeis e dependentes, portanto mais fáceis de subjugar. E também porque a inocência serve de máscara à ignorância a que serão, doravante, condenadas as mulheres.

Por ironia, no início da era industrial, foram precisamente as crianças e as mulheres, das classes trabalhadoras, as grandes vítimas da exploração capitalista.

Mas a ideologia do século XVIII, cujos preconceitos subsistiram, em grande parte, até os nossos dias e que condenou a mulher à morte política e civil foi o resultado de um processo, que se acelerou no final da Idade Média.

Como diz ANDRÉE MICHEL (1986): “O Código de Napoleão já existia em germe na imagem que a burguesia tinha da família. Desde o final do século XV, o tratado do “Ménagier de l’ paris” (1498) define a nova ética a ser seguida na educação das meninas: estas devem ser preparadas para seus futuros papéis domésticos, cujo objetivo é o conforto do marido.[Código Napoleão ou Código Civil dos Franceses, 1981].”

E lembra que no século seguinte os ingleses proibiram as mulheres de reunir-se e ordenaram aos maridos que retivessem suas esposas em casa, o que nos leva a pensar que as idéias de Rousseau também são o resultado de um processo.

Após terem sido tecelãs, artesãs, e mesmo senhoras feudais capazes de defender seus feudos - na ausência ou invalidez do marido, fabricantes de cerveja e comerciantes, além de herboristas e parteiras, as mulheres tiveram seu espaço reduzido e seus movimentos tolhidos (CERES, 1981). Proibiram-lhes o acesso às Universidades,

condenaram ao esquecimento suas produções artísticas e científicas, e perseguiram-nas como “feiticeiras”.

Se ao criticar a economia política, Karl Marx afirma, que o capitalista não se apropria do trabalhador, mas de seu trabalho, podemos dizer que o homem, no capitalismo, além de apropriar-se do trabalho “natural” da mulher, e de espoliá-la aviltando-lhe os salários, apropria-se de sua própria vida (MARX, 1968).

Se nas fábricas as tarefas destinadas às mulheres são as mais repetitivas, monótonas, além de mal qualificadas, ou desqualificadas simplesmente, nos outros níveis profissionais lhes são destinados os serviços de base. A secretária é o outro eu do executivo, indispensável porém secundária, coadjuvante.

Mas essas são as mulheres da burguesia. Enquanto isso, as operárias levantando-se às quatro da manhã, têm que fazer quilômetros a pé, arrastando os filhos, e regressar; de novo, à noite, após doze ou treze horas de trabalho, em oficinas mais que impróprias.(JACQUES J. ZEPHIR, 1982).

A desumanização das mulheres, mascarada pela idealização romântica, ainda não foi suficientemente estudada. Os documentos históricos nos mostram a exploração do trabalho da mulher, a vida insalubre da operária, a prostituição para fugir à miséria; a literatura e a poesia mostram uma mulher desencarnada, assexuada, mortalmente frágil. Se nas camadas mais baixas é possível situá-la abaixo do mais oprimido dos operários, na alta burguesia a luz angélica que a ilumina dilui seus contornos.

Na mesma época em que a ideologia coloca a mulher num pedestal, e a indústria, por sua vez, a explora barbaramente, os utopistas começam a discutir a situação da mulher na sociedade e a própria sociedade como um todo. E reivindicam para as mulheres a igualdade que Olympe de Gouges e as feministas francesas do período revolucionário já reivindicavam.

Mary Wollstonecraft é reconhecidamente a pioneira do feminismo inglês. Seu livro, *A Vindication of the Rights of Women*, apareceu em 1792, e inspirou a maioria dos utopistas ingleses, entre os quais o poeta Shelley, seu genro. Mais tarde, sua filha, Mary Wollstonecraft Shelley, tornar-se-ia a grande pioneira de um gênero literário em voga até hoje, ao escrever a estória de *Frankenstein* (GRAHAN, 1976).

Mas essa reabilitação dos direitos da mulher, preconizada por Mary Wollstonecraft, não passava de uma exortação moral, que só adquiriu caráter revolucionário nas obras dos socialistas Robert Owen, Richard Carlyle, William Thompson, este último influenciado por uma mulher, Anna Wheeler. Os socialistas utópicos ingleses vinculam a libertação da mulher à luta por um mundo melhor, inaugurando, assim, um pensamento feminista socialista, que ataca ao mesmo tempo a instituição do casamento burguês e a sociedade dividida em classes (ROBOTHAN,1992).

Daí em diante, as mulheres não cessarão de reclamar a independência econômica e a segurança social, a obrigação, para a sociedade, de tomar conta da educação das crianças, a assistência social durante a gravidez, o direito da mulher ao trabalho (ROBOTHAN,1972).

Enquanto isso, na França, Fourier imagina os falanstérios, comunidades cooperativas, nas quais a educação das mulheres e sua participação na produção social seria equivalente à dos homens. Fourier acreditava que uma sociedade verdadeiramente feliz seria aquela que proporcionasse a cada ser humano a oportunidade de desenvolver-se plenamente. E, antecipando-se a Marx, observou que o grau de emancipação da mulher é a medida natural da emancipação geral (ROBOTHAN,1992).

Em “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, ENGELS (1986), cita uma de suas frases mais contundentes a propósito do casamento:

Assim como em gramática duas negações equivalem a uma afirmação, de igual maneira na moral conjugal duas prostituições equivalem a uma virtude (ENGELS, 1986).

Além da ociosidade a que eram condenadas as mulheres das classes privilegiadas, da frustração e da falta de perspectiva dos labores domésticos, é preciso observar que a própria moda tolhia os movimentos e prejudicava a saúde. O uso dos espartilhos, obrigatório durante a segunda metade do século, foi a principal causa da maior parte das indigestões, constipações, problemas respiratórios e deslocamentos de órgãos internos das infelizes e pálidas senhoras vitorianas (EHRENREICH e ENGLISH, 1998).

E é muito significativo que uma das primeiras mulheres a optar, contra a moda, por roupas largas e confortáveis, tenha sido Lou Andreas-Salomé, a amiga e colaboradora de Freud. Mas a principal causa das doenças femininas, ou a mais profunda, era,

certamente, a falta de independência, de autonomia ou de reconhecimento, revelada pela personagem exemplar de Ibsen, a Norah, de Casa de Bonecas.

Muito se tem dito e escrito a respeito do conservadorismo da sociedade vienense na época de Freud. Sob a máscara da hipocrisia vitoriana, porém, Viena era ao mesmo tempo retrógrada e efervescente, puritana e licenciosa, aristocraticamente tradicional e intelectualmente de vanguarda. A cidade que viu nascer a psicanálise abrigou também músicos tão diferentes como Gustav Mahler, Richard Strauss e Arnold Schönberg; pintores como Gustav Klimt e Oskar Kokoschka; escritores como Karl Kraus, Otto Weininger e Robert Musil; o arquiteto Adolf Loos e o filósofo Ludwig Wittgenstein (MITCHEL, 1976).

Enquanto Freud estudava a histeria em suas pacientes burguesas, Kraus atacava com sarcasmo o movimento feminista austríaco então em grande expansão. A questão feminina estava na ordem do dia. O livro de Weininger, *Sexo e Caráter*, misógino e reacionário, descrevia a masculinidade como a expressão da racionalidade, da objetividade e da espiritualidade; e descrevia a feminilidade, conseqüentemente, como a expressão da irracionalidade, do subjetivismo e da carnalidade. Na mesma linha, Kraus afirmava que os homens têm necessidades sexuais enquanto que as mulheres são a própria sexualidade.

No entanto, essa mesma sexualidade encarnada pelas mulheres significava, para Kraus, a fonte da arte e da civilização. Por isso, a revolução sexual ou o feminismo poderia provocar o desequilíbrio social. Defensor das prostitutas, segundo ele vítimas da dupla hipocrisia - a pública e a privada - e defensor das minorias homossexuais, mesmo assim, o crítico vienense não deixou de recorrer ao mito do "eterno feminino" para disfarçar sua misoginia de origem nietzscheana (JANIK ALLAN e TOULMIN, STEPHEN, 1973).

Foi nesse ambiente intelectual que Freud empreendeu seu grande mergulho no inconsciente humano. A relação pai-filho, que Freud toma como ponto central de referência, não é fundamental pelo fato de Freud analisar uma sociedade patriarcal - (...) - mas porque ele analisa essa sociedade no momento preciso em que a autoridade paterna entra em crise (COLLECTIV ITALIEN, UN, 1978).

Do ponto de vista de algumas feministas, o “Complexo de Édipo”, estudado por Freud, pode ser compreendido como uma metáfora do fim do patriarcado. A autoridade paterna teria começado a declinar quando a família perdeu sua função de unidade de produção econômica. Para outras, é mais importante assinalar que o “complexo de Electra” - que teria sido o equivalente do complexo de Édipo na mulher - foi apenas esboçado, para ser abandonado logo depois, quando Freud reconheceu que não dispunha de material suficiente para analisar a “alma” feminina. Em uma conferência, o próprio Freud admitiu:

Através da História as pessoas têm quebrado a cabeça para desvendar o enigma da natureza da feminilidade. (...) Nem os senhores terão escapado da preocupação com esse problema – os que são homens; isso não se aplica às mulheres aqui presentes - as senhoras mesmas são o problema. Citado por EHRENREICH E e ENGLISH. (Op. Cit., p. 15 cf. The complete Introductory Lectures on Psychoanalysis, 1998).

Apesar disso, a exegese da obra de Freud, tarefa extremamente complexa e difícil, interessa ao feminismo quando uma antropóloga como Evelyn Reed, por exemplo, reinterpreta o mito de Édipo, à luz de uma concepção evolucionista da História.

Como se sabe, Freud descobriu a existência de “um desejo incestuoso inconsciente dos filhos pelas mães”. No mito grego, Édipo assassina, sem saber, o pai e casa-se também sem saber com a própria mãe.

Ele (Freud) utilizou a lenda de Édipo, (...) para sustentar a tese segundo a qual os meninos, desde tempos imemoriais, tiveram o impulso secreto de matar o pai e de casar com a mãe (Reed).

Segundo JULIET MITCHEL (1998), Freud concebia esse desejo como um acontecimento universal da infância. O complexo de Édipo seria o obstáculo que o indivíduo encontra ao ingressar na cultura humana. Não podendo repetir o processo da História, o menino, nessa fase decisiva de sua evolução, reproduziria de forma simbólica um acontecimento similar da História genérica da humanidade.

Para libertar-se, o escravo precisa de negar aquilo que o nega, isto é, a escravidão. Ao negar a escravidão, precisa vencer aquele que o escraviza, o Senhor, sem o qual não seria escravo.

Mas na dialética do “Senhor e da Escrava”, na luta feminista, as mulheres não negam os homens, enquanto homens, negam os homens, enquanto senhores, dominadores e opressores.

O que é que nega a mulher no mundo dominado pelos homens? O que é que a oprime, a inferioriza e a transforma em “segundo sexo”? Como observamos, o poder marital, a estrutura familiar, o trabalho doméstico, a discriminação no mercado de trabalho, a repressão sexual, em suma, tanto a estrutura econômica quanto a superestrutura ideológica do sistema patriarcal capitalista. Então, para afirmar-se, para negar aquilo que as nega, as mulheres pretendem combater o casamento, a família, a sociedade inteira?

Pode-se responder que o que caracteriza o feminismo não é a abolição da família, ou dos laços afetivos, mas a abolição da família burguesa sim, da família patriarcal e autoritária.

É uma revolução? Sim, revolução sexual e cultural, conseqüentemente revolução social também. Nisso consiste a novidade da “revolução das mulheres”.

Por que não se pode propor, ao menos como hipótese de trabalho, a possível primazia da revolução cultural sobre a revolução política? (HALIMI,1976).

O feminismo propõe muitas hipóteses de trabalho. A teoria, ou o pensamento feminista, está em movimento, em elaboração. Mas os “grupos de reflexão”, as pesquisas, os Congressos, e as manifestações de rua começam a minar os campos estéreis do conservadorismo e dos preconceitos machistas. Essa luta é, evidentemente, anticapitalista, mas talvez estejamos assistindo a um deslocamento histórico do fator dominante: do fator econômico - (...) - para o político e o cultural. Não estará o capitalismo atual em vias de converter-se em capitalismo tecnocrático, com predomínio do ideológico? (HALIMI, 1976).

Se a resposta às perguntas é afirmativa, trata-se de combater a ideologia em suas raízes, em cada família, em cada grupo social, em cada camada da população. Inicialmente, para vencer a “diáspora”, é preciso organizar pequenos grupos, formar pequenas frentes.

Pode-se perguntar ainda se as mulheres querem ser iguais aos homens. Não. Embora pleiteiem a igualdade de direitos e de oportunidades, as mulheres não pretendem

renunciar à diferença, que não de defender tanto quanto a igualdade, pois acreditam que em última análise, surge a necessidade de recusar a lei masculina, sua linguagem, seus signos, de recusar a deixar-se definir em referência ao pênis, o que nos levaria a invejá-lo ou a aceitá-lo sem revolta, e também a necessidade positiva de proclamar que a diferença é a base da igualdade e da liberdade.

Essa diferença positivamente proclamada pressupõe a conquista, na teoria e na prática, da independência das mulheres em relação aos homens. Não se trata, evidentemente, de criar um mundo feminino separado do masculino, mas da revelação “um eu humano feminino” determinado a partir das próprias mulheres e não de sua relação com os homens. Já há sinais de que isso está acontecendo. O número de divórcios de mulheres que assumem suas próprias vidas, com seus filhos ou sozinhas, aumenta todos os dias nas sociedades ocidentais que conhecemos. E isso é assustador para os que julgam que as aspirações femininas encontram seu limite no “sim” do altar, no lar e na criação dos filhos.

O sentido último, teleológico, do feminismo é denunciar e destruir a injusta separação entre a vida pública e a vida privada instituída pelo capitalismo triunfante. E desentranhar ou desenraizar o privado desta sociedade significa simplesmente aboli-la.